

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/363418770>

Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil: três relatos de um percurso em formação

Chapter · September 2022

CITATIONS

0

READS

13

3 authors, including:



Marília Xavier Cury

University of São Paulo

91 PUBLICATIONS 263 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Adriana Russi

Universidade Federal Fluminense

16 PUBLICATIONS 11 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Educação Patrimonial [View project](#)



O museu e a comunidade: a nova museologia, a museologia social, a colaboração e o Museu do Assentado de Rosana/SP [View project](#)

Patrimônios e Museus: Inventando Futuros

ORG. JULIE CAVIGNAC, REGINA ABREU, SIMONE VASSALLO

ABA PUBLICAÇÕES


edufpn
Editora da UFPA

**COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS DA
ABA – CELCA**

Coordenador: Carlos Alberto Steil (UFRGS, UNICAMP)

Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE)
Bernardo Fonseca Machado (USP)
Nathanael Araújo da Silva (UNICAMP)
Rodrigo Toniol (UFRJ)
Tânia Welter (UFSC)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouiri (UFMG)
Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)
Carla Costa Teixeira (UnB)
Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)
Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)
Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)
Fabio Mura (UFPB)
Jorge Eremites de Oliveira (UFPel)
Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)
María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)
Maristela de Paula Andrade (UFMA)
Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)
Patrícia Melo Sampaio (Ufam)
Ruben George Oliven (UFRGS)
Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA DIRETORIA (MANDATO 2021-2022)

Presidente

Patricia Birman (UERJ)

Vice-Presidente

Cornelia Eckert (UFRGS)

Secretária Geral

Carla Costa Teixeira (UnB)

Secretária Adjunta

Carly Barboza Machado (UFRRJ)

Tesoureira

Andrea de Souza Lobo (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Camilo Albuquerque de Braz (UFG)

Diretor

Fabio Mura (UFPB)

Diretora

Patrícia Maria Portela Nunes (UEMA)

Diretor

João Frederico Rickli (UFPR)

Diretora

Luciana de Oliveira Dias (UFG)

www.portal.abant.org.br

UNB - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa norte,

Prédio do ICS - Instituto de Ciências Sociais

Térreo - Sala AT-41/29 - Brasília/DF CEP: 70910-900

ABA PUBLICAÇÕES

Reitor

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)

Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Editoração e Design

Márcio Xavier Simões

Revisão

Márcio Xavier Simões (Coordenador)

Fábio Rodrigo Barbosa (Colaborador)



Patrimônios e Museus: Inventando Futuros

ORG. JULIE CAVIGNAC, REGINA ABREU, SIMONE VASSALLO

ABA PUBLICAÇÕES


edufnrn
Editora da UFRN

Publicação digital financiada com recursos do Fundo de Pós-graduação (PPg-UFRN). A seleção da obra foi realizada pela Comissão de Pós-graduação, com decisão homologada pelo Conselho Editorial da EDUFRN, conforme Edital nº 2/2019-PPG/EDUFRN/SEDIS, para a linha editorial Técnico-científica.

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Patrimônios e museus [recurso eletrônico]: inventando futuros / org. Julie Cavignac, Regina Abreu, Simone Vassallo. – Dados eletrônicos (1 arquivo: 2190 KB). – Brasília, DF: ABA Publicações; Natal, RN: EDUFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://repositorio.ufrn.br>>

<<http://www.portal.abant.org.br/>>

Título fornecido pelo criador do recurso

ISBN 978-65-5569-272-3

ISBN 978-65-87289-21-2

DOI: 10.48006/978-65-87289-21-2

1. Antropologia. 2. Museus. 3. Patrimônio cultural. I. Cavignac, Julie. II. Abreu, Regina. III. Vassallo, Simone.

RN/UF/BCZM

2022/20

CDD 306

CDU 39

Elaborado por Gersoneide de Souza Venceslau – CRB-15/311

Sumário

08 *Apresentação:* Patricia Birman e Cornélia Eckert

11 *Prefácio:* Benoît de l’Estoile

34 *Introdução:* Julie Cavignac, Regina Abreu, Simone Vassallo

I – A prática antropológica e o campo do patrimônio: trajetória e perspectivas

41 *A memorização da prática antropológica no campo patrimonial brasileiro: articulando passados e futuros.* Regina Abreu

85 *Da noção antropológica de cultura à transversalidade da antropologia no campo dos patrimônios culturais no século XXI.* Renata de Sá Gonçalves; Guilherme Eugênio Moreira

110 *“Quando não tem, Caicó inventa!”: A festa de Sant’ana e a pandemia.* Julie A. Cavignac; Luiz Eduardo do Nascimento Neto; Thaís Fernanda Salves de Brito

157 *Bois, patrimônio em tempos de pandemia.* Luciana Gonçalves de Carvalho; Alvatir Carolino da Silva; Wilmara Aparecida Silva Figueiredo

187 *“Abalou, Capoeira! Abalou”: políticas públicas de patrimônio em tempos de cisão e retrocesso nos beligerantes grupos de Capoeira no whatsapp.* Geslline Giovana Braga

212 *Histórias entrelaçadas: a materialização do Holocausto e da escravidão de africanos na paisagem memorial do Rio de Janeiro.* Luz Stella Rodríguez Cáceres; Simone Pondé Vassallo

II – Museus e coleções etnográficas: experiências compartilhadas e novos debates

243 *Museus, ingerência privada e o arremedo brasileiro do neoliberalismo.* Antônio Motta; Eduardo Sarnento

277 *Cosmopolitizando memórias coloniais na Alemanha.* Thomas Thiemeyer

309 *Narrativas e trajetórias de artistas autóctones da Austrália e do Pacífico no contexto dos museus.* Géraldine Le Roux

340 *Povos indígenas e museus: políticas públicas e a gestão compartilhada.* Marília Xavier Cury

377 *Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil: três relatos de um percurso em formação.* Adriana Russi; Lucia H. van Velthem; Marília Xavier Cury

416 *Tempo de beija-flores: cinquenta anos do Museu Antropológico da UFG e seus desafios.* Manuel Ferreira Lima Filho

430 Sobre os autores

Apresentação

Patrícia Birman

Cornélia Eckert

É uma honra para nossa gestão da Associação Brasileira de Antropologia (2021-2022) apresentar o livro organizado pela coordenação do Comitê Patrimônio e Museu na gestão anterior (2019-2020), então sob a presidência dos colegas Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara.

A coletânea, intitulada *Patrimônios e Museus: Inventando Futuros*, nos entusiasma como um trabalho de especialistas que há longo tempo se dedicam a pesquisar as especificidades e transformações do campo de Patrimônio e Museus. É indiscutível a sua atualidade. Trata-se aqui de trabalhos que se reportam a muitos processos relativos à construção de várias modalidades de patrimônio e de suas transformações. Patrimônios materiais, imateriais e suas inserções históricas, sociais e culturais são temáticas que, nesta coletânea, se desdobram em análises etnográficas, em ensaios e produtos imagéticos.

A ABA, nessa conjuntura política nefasta às instituições democráticas, tem realizado, por meio de seu Comitê de Patrimônio, vários eventos que colocam em pauta as questões que assolam, no presente, as instituições culturais e patrimoniais do país. Reafirmam-se aqui os importantes processos e desdobramentos que têm mantido ativos, apesar de tudo, aqueles que garantem a presença viva das várias faces da cultura. A coletânea é também um exemplo de reflexões teóricas consistentes que, baseadas em estudos empíricos, buscam registrar muitas das iniciativas culturais e populares desse domínio em movimento.

O contexto de sua realização aponta para a multiplicação das dificuldades de forma ainda mais alarmante com a pandemia de covid, de proporções mundiais. O distanciamento social que se impôs complexificou as atividades do Comitê e exigiu uma rápida adaptação às comunicações virtuais

e relações sociais em meio digital. Lembremos que se trata de um domínio de saberes no qual a oralidade, os testemunhos e as formas festivas de sociabilidade participam da construção dos patrimônios materiais e/ou imateriais.

Neste contexto, saudamos os trabalhos do comitê de Patrimônio e Museus da ABA, voltado ao debate e à ação sobre as políticas para o patrimônio e para os museus no Brasil. Louvamos os movimentos desse campo de saberes que se reinventam cotidianamente com vistas a superar os muitos obstáculos provocados pelo processo de ideologização das instituições museais e o esvaziamento das políticas culturais, tão duramente construídas.

A ABA, em 2019, passou a compor o Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro (criado em outubro de 2019 em Porto Alegre-RS), cujos fóruns estaduais reuniram seus esforços para deter o desmonte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o desmanche de vários projetos culturais.

Podemos percorrer os trabalhos deste livro, valorizando nas entrelinhas, nos seus muitos artigos, o esforço exigido para incentivar a continuidade dos trabalhos museais, patrimoniais e culturais em diálogo permanente com suas instituições, grupos e atores.

Com efeito, tanto aqui se oferece para nós o contato com uma festa etnográfica, sensível aos seus muitos movimentos e formas de sociabilidade, quanto análise minuciosa sobre o processo de desregulamentação das políticas culturais e seus enquadramentos ideológicos extremos.

A reflexão sobre esses movimentos opostos também nos leva a observações sobre o processo de globalização nessa época pandêmica, que não se encontra fechado a controvérsias, muito ao contrário. O silêncio que se impôs ao desvalorizado Cais do Valongo, onde desembarcaram um milhão de escravos, não chegou a se constituir como controvérsia. Afinal, o que significa para um país que insiste em invisibilizar a escravidão, os esforços do dia a dia para deter o autoritarismo moral, político e social aliado a um desmanche persistente das manifestações populares?

Certamente ajudam-nos a pensar os textos que se direcionam para um esforço comparativo com as experiências relativas a patrimônios coloniais na Alemanha e na Austrália. Direitos indígenas, mercado, políticas públicas associadas a emergência de novos artistas, de novas questões sobre a posse de obras de arte ensejam indagações importantes sobre a elaboração dos patrimônios e a posição social, política e cultural de seus artistas. Aqui no nosso país não se ignora o quanto tem sido difícil assimilar de modo amplo os avanços dos direitos indígenas, tal qual tem sido proposto pela antropologia e as suas ciências irmãs, a arqueologia e a museologia. E os direitos de viver, inseparáveis do domínio territorial e do exercício de suas culturas nos remetem indiscutivelmente para a defesa da vida e dos territórios indígenas, de ribeirinhos e quilombolas.

Assim, também podemos ler com esperança como tem se dado o processo de mapeamento das coleções etnográficas no Brasil, cujo fazer implica muitas interlocuções importantes. A visita ao Museu de Antropologia da UFG, que realizamos de modo indireto, também nos abre um horizonte importante. Apesar de não ser tudo flores, podemos usufruir as significativas imagens de beija-flores que sinalizam também para a circulação da vida na UFG. Esperamos ansiosas pelo renascer do Museu Nacional, a grande perda e o nosso luto.

Brindamos à diversidade cultural, à reinvenção e à persistência dos autores desta belíssima coletânea.

Aos antropólogos e antropólogas cujas pesquisas se encontram neste livro, nossos agradecimentos.

Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil: três relatos de um percurso em formação¹

Adriana Russi

Lucia H. van Velthem

Marília Xavier Cury

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO “MAPEAMENTO DAS COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS NO BRASIL”

Incontáveis coleções etnográficas dos museus brasileiros foram constituídas em um passado distante ou mais recente e continuam em formação. Ainda hoje, várias são compreendidas como “coisas fora da vida”, pois pouco se articulam contemporaneamente com os “descendentes” dos povos e populações que as produziram. Por isso, muitas vezes, as reservas técnicas dos museus são encaradas como “cemitérios de objetos”, como mencionou James Clifford, citado por Berta Ribeiro e Lucia van Velthem (1992). Como reconectar as coleções a essas populações? Para procurar responder a essa questão, o Comitê de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) estruturou um projeto para mapear e dar a conhecer as coleções etnográficas no Brasil.

A dilatação do conceito de patrimônio cultural, ocorrida nos anos 1980, que incorporou o aspecto intangível/imaterial – registrado na Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216 –, desvela a noção de diversidade cultural como constitutiva da nação brasileira. Nos últimos 20 anos, o conceito antropológico de cultura foi adotado pelas políticas culturais no Brasil. Ademais, os movimentos sociais e a participação da sociedade civil

¹ Informações e contribuições ao mapeamento podem ser realizadas através do e-mail: colecoesetnograficas@gmail.com

propiciaram o crescimento paulatino das discussões e disputas em torno de temas sobre os patrimônios, os museus e suas coleções no país, que contaram com os aportes da museologia.

Regina Abreu (2008) registrou que um grupo de trabalho (GT) dedicado às reflexões sobre o campo do patrimônio cultural foi oficialmente constituído em 2004 como comitê de assessoramento da direção da ABA. Denominado como “Grupo Permanente de Patrimônio Cultural”, em 2010, este GT foi renomeado como “Comitê Patrimônio Cultural e Museus”, “acolhendo as inúmeras demandas do campo da museologia, em franco diálogo com profissionais de antropologia no Brasil.” (TAMASO; LIMA FILHO, 2012, p. 9). O atual “Comitê Patrimônios e Museus da ABA” vem se dedicando a promover eventos, publicações, pesquisas, exposições e inúmeras outras ações acadêmicas e de intervenções na sociedade, que abrangem todo o território nacional e reúnem uma ampla diversidade de temas patrimoniais e museais.

Nos anos de 1990, em um contexto de conquistas de direitos, oriundo das lutas dos movimentos sociais, como a dos negros, dos povos indígenas e das feministas, e a promulgação de legislações em defesa da diversidade cultural e dos patrimônios em seus múltiplos sentidos, vimos florescer “novos sujeitos de direito coletivo” (ABREU, 2015). Convenções internacionais – como as da Unesco² – e a legislação nacional – como a do Patrimônio Imaterial³ – fomentaram intensa participação desses “sujeitos de direito”, pois tomaram consciência das potencialidades do campo do patrimônio, passando a empregá-lo como instrumento para a defesa de seus direitos. Numa articulação com organizações não governamentais e instituições, como as universidades e movimentos sociais, populações tradicionais, povos indígenas e outros grupos minoritários foram assumindo protagonismo num exercício de objetivação de suas próprias culturas.

2 UNESCO. Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, 1989; Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003; Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, 2007. Paris.

3 BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

Ao longo de mais de 18 anos de atuação, o Comitê Patrimônios e Museus da ABA tem acolhido “pesquisas e trabalhos de antropólogos no campo de patrimônios e museus, estimulando reflexões, debates e publicações.” (ABREU; LIMA FILHO, 2012, p. 26). Recentemente, face às ameaças e retrocessos das políticas públicas em relação aos direitos constitucionais e à garantia da diversidade cultural, esse Comitê tem sido acionado a manifestar-se publicamente e a contribuir em discussões públicas. Entre outras ações, foram realizados inúmeros debates, notas de apoio em defesa dos grupos sociais e de seus patrimônios, ou de repúdio contra iniciativas arbitrárias que podem atingir gravemente patrimônios brasileiros, materiais e imateriais.

Nesse sentido, ao final do seminário “Antropologia e Museus: os desafios do contemporâneo” – realizado na Universidade de Brasília, no âmbito da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia – foi deliberada a execução de importante e desafiadora tarefa: desvelar as coleções etnográficas preservadas por inúmeras instituições no Brasil. Iniciava-se, então, o projeto “Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil”, cujo principal propósito é identificar as instituições que salvaguardam diferentes coleções etnográficas, procurando também identificar a que grupos sociais se referem. O olhar dessa iniciativa se volta aos acervos de museus, bem como aos acervos sob a guarda de institutos históricos, universidades e outras iniciativas museais, como as comunitárias. Para o desenvolvimento da ação, considerando-se as dimensões continentais do Brasil e para facilitar o trabalho, organizaram-se equipes de articulação em cada região do país.⁴

4 Na região Norte: Lucia H. van Velthem (MPEG); Priscila Faulhaber (MAST) e Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA). Na região Nordeste: Renato Athias (UFPE) e Alexandre Gomes. No Sudeste: São Paulo – Marília Xavier Cury (MAE-USP) e Susilene Elias de Melo (Museu Worikg, Kaingang, TI Vanuîre, SP); Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais – Adriana Russi (UFF/ UNIRIO); Rio de Janeiro – coleções de cultura popular – Daniel Reis (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular) e Elizabete Mendonça (UNIRIO). No Centro-Oeste: Patrícia Osório (UFMT) e Luciana Portela (UnB). No Sul: Maria Helena Sant'Ana (Museu Antropológico do Rio Grande do Sul) e Geslline Braga.

Historicamente, os estudos de coleções etnográficas passaram por diferentes abordagens que incluíam análises tipológicas (privilegiando aspectos morfológicos, funcionais e tecnológicos da cultura material), análises por grupos étnicos ou por categoria artesanal (cestaria, cerâmica, plumária, adornos, tecidos etc.) e pesquisa contextual, que associava os estudos das coleções a dados etnográficos coletados em campo e cotejados a outros documentos, como os iconográficos, bibliográficos, audiovisuais.

É notório que a antropologia surgiu dentro dos museus e teve nos estudos da cultura material importante foco de atenção. Contudo, por muito tempo, tais estudos ficaram relegados a um segundo plano, momento em que a disciplina se voltou a outros temas. Nas palavras de Ribeiro e Velthem (1992, p. 105):

[...] as análises de coleções atravessaram longo período de esquecimento quando muitos cientistas consideraram que estas não representavam um frutífero campo para as pesquisas em antropologia social ou ainda que os estudos de cultura material e de coleções etnográficas não eram mais importantes para as pesquisas antropológicas [...].

Recentemente, com a retomada das reflexões antropológicas sobre cultura material, os estudos das coleções ressurgiram com novas questões. A própria existência dos museus etnográficos e de suas coleções passa pela problematização colocada pelas correntes pós-coloniais (BHABHA, 1998; HALL, 2009; SAID, 2007) e pelos estudos sobre decolonialidade (SANTOS; MENESES, 2010). Contudo, desde os anos 1980, os museus com este tipo de coleção enfrentam o dilema/desafio de se transformarem para estabelecer relações mais simétricas. Os museus têm se tornado espaços para diálogo e trocas com as comunidades associadas às coleções, promovendo práticas de autorrepresentações, viabilizando movimentos de guarda compartilhada de objetos/ acervos e múltiplos outros procedimentos de “descolonização”, deixando cada vez mais para trás processos coloniais de representação da alteridade. (RUSSI; ABREU, 2019).

Richard Handler (1985) nos alertou para o fato de que certos processos de patrimonialização se excediam ao “objetificar” as culturas. Este é o caso, por exemplo, de muitos museus etnográficos, que criavam (ou ainda criam?) a ilusão de que estaríamos diante de culturas que são representadas por meio de objetos. Se por um lado muitos objetos marcam singularidades de certos grupos sociais, por outro, uma cultura não pode ser reduzida a um conjunto de objetos. Como apontaram Ribeiro e Velthem (1992, p. 103), repensar “o desempenho dos museus etnográficos confere um novo sentido às coleções e ao colecionamento e fomenta seu estudo.”

Problematizando a quem caberia o direito de representar o outro, Stocking Jr. (1995) desnudava o colonialismo, a hierarquia e o poder dos museus etnográficos. Outras perspectivas foram se construindo para “descolonizar” esses museus e suas coleções, entendendo-os como “zona de contato” (CLIFFORD, 1997), “zonas de conflito” (DEAN, 2009), como fórum (KARP, 1992) ou em perspectivas *cross-cultural* (KREPS, 2003).

Novas concepções se conectaram às coleções, ao serem “apropriadas” pelos grupos que um dia produziram os objetos que as integram. A “descolonização dos museus” refere-se a diferentes e múltiplas experiências entre museus e “comunidades de origem”, que tiveram seus objetos musealizados, a revelia das suas vontades e ciência. Se por um lado é difícil identificar modelos, é possível afirmar que se trata de um importante papel político a ser construído entre instituições museais, pesquisadores e os povos indígenas, quilombolas, extrativistas, imigrantes e tantos outros que fazem suas (re)existências no território brasileiro.

Os novos sentidos atribuídos às coleções passaram a incorporar termos como “ressignificação”, “repatriação”, “aprendizado”. Paralelamente, expressões como “parceria”, “colaboração”, “cooperação”, “redes” foram qualificando os trabalhos realizados entre os museus e seus profissionais ou pesquisadores com os “descendentes” dos povos associados às coleções. Esse novo contexto, complexo e ambíguo, está na ordem do dia no que diz respeito aos estudos das coleções etnográficas. No Brasil, há mais de trinta

anos temos notícias de múltiplas ações de trabalho conjunto com grupos indígenas, incluindo a curadoria, a documentação e restauração de objetos e iniciativas que levam os objetos às terras indígenas, ou os indígenas aos museus (RUSSI, 2019).

A Política Nacional de Museus (NASCIMENTO Jr., 2007) prevê, em algumas de suas diretrizes, ações de protagonismo e parceria, em que participam profissionais e pesquisadores com representantes dos grupos de onde se originaram os acervos. Entre as diretrizes, há recomendações para gestões participativas, cooperação entre museus e comunidades detentoras dos patrimônios, desenvolvimento de uma comunicação mais horizontal, troca de saberes e projetos experimentais. Esse trabalho de cooperação também é destacado no “Código de Ética para Museus” (ICOM, 2004), ao salientar que os museus devem atitude de respeito e zelo para com as comunidades de origem e precisam elaborar políticas de cooperação. É ainda necessário o estabelecimento de profundas discussões sobre a restituição de objetos reclamados pelas comunidades.

Na contemporaneidade, os estudos das coleções etnográficas ganham novos contornos e têm a atenção não apenas de pesquisadores, mas também de muitos povos que um dia tiveram seus objetos musealizados. Tais experiências se constituem foco de reflexões de inúmeros pesquisadores (CURY, 2019, 2020; FRANÇOZO; BROEKHOVEN, 2017; LIMA FILHO; ATHIAS, 2016; RUSSI; ABREU, 2019; VELTHEM, 2012; VELTHEM *et al.*, 2017). Contudo, as informações sobre as coleções etnográficas estão fragmentadas em diferentes fontes, o que dificulta as abordagens e as ações colaborativas. Uma das intenções do mapeamento realizado pela ABA é conseguir congregiar em um único ambiente virtual informações gerais sobre as coleções etnográficas no Brasil.

Este artigo se dedica a relatos e dados preliminares dos contextos dos acervos de procedência indígena, considerando que outros recortes, na amplitude do que entendemos como coleção ou objeto etnográfico, serão tratados futuramente por outros pesquisadores.

O cenário museal brasileiro é constituído por uma miríade de instituições muito diversas que se configuram como museus tradicionais, comunitários, de territórios, ecomuseus, e de administração municipal, estadual e federal, além dos museus privados ou de administração mista (IBRAM, 2011). Vinculados a diferentes esferas da administração pública e/ou privada, os museus no Brasil possuem acervos muito diversificados que ocupam edifícios com dimensões também variadas, assim como variam as formas de gestão, financiamento e estruturação organizacional, que podem revelar um preocupante quadro de exiguidade numérica de seus funcionários. Ademais, muitas das instituições não têm seus acervos documentados, o que acarreta dificuldades para o mapeamento conduzido pelo Comitê de Patrimônios e Museus da ABA.

Outro aspecto desafiador para o mapeamento em pauta, se revela no quantitativo de instituições espalhadas por todo o território nacional. O Registro de Museus Ibero-americanos (RMI) identificou no Brasil 3.807 instituições, configurando-se o país com o maior número de museus na Ibero-América.

Para o desenvolvimento do mapeamento das coleções etnográficas no Brasil, os pesquisadores se organizaram por regiões e congregaram investigações já em curso. Foram elaboradas duas fichas para coleta e sistematização dos dados: uma com dados gerais da instituição e de suas coleções etnográficas (Ficha A); e outra que amplia as informações sobre os acervos (Ficha B). As fichas procuram determinar as “tipologias” etnográficas em indígenas, afro-brasileira, arte e cultura popular, imigrantes.

Importante salientar que a primeira fase do mapeamento (2020-2022) ocorre indiretamente, sem visitas *in loco*, na maioria dos casos. Assim, a coleta de informações se dá através de contato telefônico e/ou correio eletrônico, visitas aos sites dos museus e por meio de fontes disponíveis, como

a plataforma *Museusbr*. Consideramos ainda informações de redes sociais das instituições como Facebook, Instagram e sites de turismo como Tripadvisor ou culturais, como Guia das Artes. No geral, há grande dificuldade para a obtenção de informações ou mesmo de contato direto com as instituições, e o advento da pandemia de covid-19 ampliou essas dificuldades.

No desenrolar do mapeamento, deparamo-nos com questões de ordem teórico-metodológicas, inerentes à diversidade de formas de gestão museal. Em um mesmo estado encontramos museus federais, estaduais e municipais, além dos particulares, com equipes de portes e formação diferentes. Em se tratando do principal objetivo da pesquisa – identificar as instituições que salvaguardam os diferentes tipos de coleções etnográficas e determinar a que grupos sociais se referem tais coleções – estendemos o mapeamento para as coleções em universidades (departamentos e laboratórios), institutos históricos e geográficos e outras entidades.

Apresentamos, a seguir, três situações e reflexões para levantar pontos de discussão para o avanço da pesquisa “Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil”.

REFLEXÕES E AVANÇOS: RELATO DE TRÊS SITUAÇÕES

As reflexões delineadas apontam para questões complexas de diferentes ordens. Resultam de debates que se deram na implementação do projeto “Mapeamento das Coleções Etnográficas no Brasil”, desde meados de 2019, quando passaram a se reunir os integrantes da equipe de articulação e seus parceiros/colaboradores. Neste artigo não há espaço para as discussões travadas, mas é oportuno registrar que é controverso o entendimento do termo “objeto etnográfico”. No intuito de ilustrar o tipo de objeto sobre o qual a pesquisa se debruça, reproduzimos o entendimento de Price (2010 *apud* VELTHEM *et al.*, 2017, p. 739) sobre o “objeto etnográfico”:

[...] formado a partir de um conjunto de metas significativas do desenvolvimento da ciência antropológica, [...] que levanta uma série de questões

históricas, políticas e éticas, que estão relacionadas com as circunstâncias nas quais foram formadas e com os significados e o tratamento conferido aos objetos ameríndios, ao serem incorporados aos museus.

Parte da complexidade da pesquisa reside no campo do entendimento “incerto” e difuso sobre os termos “etnografia”, “objeto etnográfico” ou “coleção etnográfica”, já que os levantamentos indicam que a maioria das instituições que preservam este tipo de acervo/coleção não os compreende dessa forma, embora possam ser qualificados por tais expressões. Outro ponto complexo diz respeito à formação dessas coleções, pois nem todas foram orientadas pela antropologia.

Os dados preliminares sobre esses levantamentos apontam também para outras questões que dizem respeito à identificação das instituições. A maioria das coleções etnográficas está em instituições reconhecidas como históricas. Parece que em vários desses casos, o valor “etnográfico” do objeto ou coleção é entendido como “histórico”. No caso de acervos de cultura popular, por exemplo, o que seria etnográfico? E o que seria histórico? Ainda sobre a cultura popular, muitas coleções afro-brasileiras estão abrigadas dentro desta grande categoria. Questões como essas vêm surgindo, trazendo problemáticas que o mapeamento das coleções etnográficas no Brasil já enfrenta.

APONTAMENTOS SOBRE COLEÇÕES INDÍGENAS NA REGIÃO SUDESTE

Os dados sobre a região Sudeste são apresentados aqui em duas partes: uma referente aos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santos e outra dedicada a São Paulo, seguindo a articulação e organização nessa região. Com o desenrolar do levantamento nesses estados percebemos que muitos acervos etnográficos estão salvaguardados em instituições que se reconhecem como museus históricos.

A coleta de informações junto às instituições, nessa região como nas demais, tem sido bastante morosa. Para além da dificuldade de preenchimento das fichas, por falta de pessoal especializado para fazê-lo ou por falta de documentação do acervo, outro aspecto dificulta nossa comunicação e diz respeito ao termo “etnográfico” usado na qualificação do acervo e/ou coleção. Ouvimos relatos sobre a dificuldade de compreensão desse termo, tanto por seu desconhecimento entre nossos interlocutores, quanto pela confusão com “objetos arqueológicos”. Visando contornar isso, ilustramos com exemplos de artefatos comuns entre acervos indígenas, como a plumária, a cerâmica, a cestaria, entre outros.

O levantamento preliminar das coleções indígenas na região Sudeste (exceto São Paulo)⁵ partiu de pesquisa anterior (RUSSI; SANTOS, 2018) que identificou 457 museus etnográficos no Brasil e arrolou 95 instituições com coleções indígenas, a partir do Guia dos Museus Brasileiros (IBRAM, 2011). Partindo desta lista de museus, o panorama desta região era constituído por 140 instituições. A referida lista foi atualizada com o acréscimo de informações extraídas do portal *MuseusBr* e dos Sistemas Estaduais de Museus, ampliando o universo de análise e possibilitando incorporar novas instituições, pois o mapeamento da ABA não se restringe aos museus etnográficos.

Com essa nova lista e sobre o uso das fichas já mencionadas, Pereira e Russi (2020, p. 5) explicam:

[...] optamos por trabalhar com as duas fichas [...] uma mais introdutória [...], responsável por coletar dados gerais acerca da instituição e da tipologia de sua(s) coleção(ões); e uma mais minuciosa [...], própria para uma coleta de dados que exige maior grau de detalhamento, onde pedimos informações

5 Levantamento realizado pela graduanda Letícia de Carvalho Pereira, bolsista de iniciação científica entre setembro de 2019 a meados de 2021, no âmbito da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) sob a supervisão da Professora Adriana Russi (UFF).

sobre quantidade, data de coleta, data de entrada, forma de aquisição dos objetos, quais etnias/grupos eram representados nas coleções, assim como a localidade de origem dos objetos de determinada coleção.

Aqui apresentamos dados preliminares dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, ressaltando que há um enorme trabalho a ser realizado no sentido de qualificar os objetos/coleções localizados. Num primeiro momento arrolamos 850⁶ instituições. Após alguns filtros de seleção chegamos a 427 instituições, o que passou a ser o universo de análise inicial. Desse total descartamos 272 delas pois não mantêm acervos/objetos etnográficos. Até o momento, das 155 instituições com as quais estamos trabalhando, identificamos acervos etnográficos em 83 delas e localizamos coleções indígenas em 16 destas instituições. Há ainda um número elevado de instituições em análise (72).

Quadro 1 – Quantitativo de instituições no Sudeste (RJ, MG, ES)

Estados	Museus por estado	Instituições analisadas por estado	Instituições com objetos / acervos etnográficos	Instituições com objetos indígenas no acervo	Instituições em análise	Instituições descartadas
RJ	330	105	42	7	58	5
MG	442	305	34	9	12	259
ES	78	17	7	0	2	8
Total	850	427	83	16	72	272

Fonte: Organização Letícia Pereira sob supervisão de Adriana Russi, março de 2021.

6 O total de 850 museus se refere à somatória de museus no estado do Rio de Janeiro (330), Minas Gerais (442) e Espírito Santo (78), cujas informações foram coletadas na plataforma *Museusbr*. A partir daí usamos filtros para chegar a um universo de análise mais próximo do que procuramos, chegando então a um total de 427 instituições analisadas, sendo 105 no estado do Rio de Janeiro, 305 no estado de Minas Gerais e 17 no estado do Espírito Santo.

No estado do Rio de Janeiro, formado por 08 regiões administrativas e 92 municípios, localizamos 42 instituições com acervos etnográficos. A região metropolitana tem o maior quantitativo de museus e é onde há o maior índice de coleções etnográficas, 29 das 42 instituições nesse estado (69,05%) mantêm acervos etnográficos. Em duas das oito regiões no estado do Rio de Janeiro – a região Centro-Sul Fluminense e a região Noroeste Fluminense – não localizamos museus com acervos etnográficos, ao menos por enquanto.

Quadro 2 – Número de museus por região administrativa no estado do Rio de Janeiro

Região	Nº de museus	Nº de municípios com museus
Metropolitana	205	16
Norte Fluminense	18	7
Noroeste Fluminense	6	5
Costa Verde	11	3
Centro-Sul Fluminense	14	7
Serrana	29	8
Baixadas Litorâneas	17	8
Médio Paraíba	30	8
Total	330	62

Fonte: Organização Letícia Pereira sob supervisão de Adriana Russi, a partir da plataforma *Museusbr* março, 2021.

No quadro 3 apresentamos uma lista nominal de instituições onde localizamos acervos etnográficos.

Quadro 3 – Relação preliminar das instituições com acervo etnográfico por regiões e municípios no estado do Rio de Janeiro⁷

⁷ Agradecemos ao Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus da UNIRIO (NUGEP) por ceder dados do projeto “De mapas às redes de interação e cooperação” que visa, entre outros, o levantamento das coleções de cultura popular no estado do Rio de Janeiro. Sobre isso ver o site do NUGEP disponível em: <https://nugepunirio.org/mapeamento/?fbclid=IwAR1_kIHDTT_5FntIQpGAVEzccgT8fqe-nAMRqSjfxrodciizu792Bp_-3Vrk>.

INSTITUIÇÕES COM ACERVO ETNOGRÁFICO – RIO DE JANEIRO			
Regiões	Município	Nome da Instituição	Tipologia
Baixada Litorânea	Cabo Frio	MART - Museu de Arte Religiosa e Tradicional	
	São Pedro da Aldeia	Museu da Aviação Naval	Arte e Cultura Popular/ Regional
Costa Verde	Angra dos Reis	Ecomuseu Ilha Grande	
		Museu do Cárcere	
Médio Paraíba	Barra Mansa	Museu da História de Barra Mansa	Afro-brasileira
	Porto Real	Casa do Imigrante Ida Bergianti	Imigração
	Resende	Museu de Arte Moderna de Resende	Arte e Cultura Popular/ Regional
	Rio Claro	Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/Regional
Metropolitana	Duque de Caxias	Museu Vivo do São Bento	
		Museu de História e Arte do Rio de Janeiro -MHAERJ/ Museu do Ingá	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular; Indígena
		Museu Janete Costa de Arte Popular	Arte e Cultura Popular/ Regional
	Rio de Janeiro	ABCL - Academia Brasileira de Literatura de Cordel	
		Akupalô Empreendimentos Culturais	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Casa do Jongô	
		Centro Cultural Lóttus	Afro-brasileira, Imigração, Indígena.
		Centro Cultural / Museu Casa da Moeda do Brasil	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Ecomuseu de Sepetiba	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Espaço Cultural da Marinha	
		Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Museu Carmen Miranda	Afro-brasileira, Imigração
		Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Museu Casa do Pontal	
		Museu D. João VI	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB)	
		Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ)	
		Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro ⁸	Afro-brasileira
		Museu de Folclore Edison Carneiro	Afro-brasileira, Imigração, Indígena.
		Museu do Índio/ FUNAI	Indígena
		Museu do Negro - RJ	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/ Regional
		Museu do Samba	
		Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro	
		Museu Histórico Nacional	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/ Regional; Imigração; Indígena
		Museu Nacional - UFRJ	
		Museu Nacional de Belas Artes	Indígena, Coleção de Arte Africana.
		Museu Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Museu Villa-Lobos	Arte e Cultura Popular/ Regional
		Sítio Roberto Burle Marx - Iphan	
Norte Fluminense	Campos dos Goytacazes	Casa de Cultura Villa Maria	
Serrana	Cantagalo	Casa de Euclides da Cunha	Indígena
	Petrópolis	Museu Casa do Colono	
		Museu Imperial	Arte e Cultura Popular/ Regional
	Teresópolis	Sobrado Histórico José Francisco Lippi	Arte e Cultura Popular/ Regional; Imigração
6 Regiões	14 Municípios	45 Instituições com objetos/ acervos etnográficos	26 coleções etnográficas identificadas

Fonte: Organização Letícia Pereira sob supervisão de Adriana Russi, março 2021.

Legenda

Identificação por ficha	Identificação do NUGEP	Identificação por mapeamento virtual
-------------------------	------------------------	--------------------------------------

O estado de Minas Gerais é composto por 10 regiões administrativas e constituído por 853 municípios. Até o momento localizamos museus com acervos etnográficos em 08 das 10 regiões, com exceção das regiões Noroeste e Norte (quadro 4). No quadro 5 listamos nominalmente as instituições que preservam acervos etnográficos.

Quadro 4 - Número de museus por região administrativa no estado de Minas Gerais

Região	Nº de museus	Nº de municípios com museus
Alto Paranaíba	20	10
Central	189	51
Centro-Oeste	28	21
Jequitinhonha-Mucuri	13	11
Mata	54	24
Noroeste	4	3
Norte	16	9
Rio Doce	18	11
Sul de Minas	72	45
Triângulo	28	8
Total	442	193

Fonte: Organização Letícia Pereira sob supervisão de Adriana Russi, a partir dos dados da plataforma *Museusbr*, março, 2021.

Quadro 5 - Relação das instituições com acervos etnográficos levantadas por regiões e municípios no estado de Minas Gerais

sido transferido para o Museu da República. Sobre isso ver o Movimento Liberte Nosso Sagrado em: <<https://www.facebook.com/libertenossosagrado/>>.

INSTITUIÇÕES COM ACERVO ETNOGRÁFICO – MINAS GERAIS			
Regiões	Município	Nome da Instituição	Tipologia
Alto Paranaíba	Patos de Minas	Memorial Romero Queiroz Pereira - Memorial do Milho	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
	Patrocínio	Museu Professor Hugo Machado da Silveira	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
	São Gotardo	Museu Jaime Resende	Arte e Cultura Popular/Regional
Central	Belo Horizonte	Centro de Arte Popular	
		Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado - CRCP Lagoa do Nado	
		Museu Antropológico do Vale do São Francisco	Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
		Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte - MIS	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
		Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais	Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
	Capim Branco	Museu Histórico de Capim Branco	
	Itabira	Museu do Tropeiro (Itabira)	
	Lagoa Santa	Museu Arqueológico da Região de Lagoa Santa	
	Ouro Preto	Museu do Oratório	
	Vespasiano	Museu de Folclore Saul Martins	
Centro-Oeste	Campo Belo	Museu Divino Dias Maciel	
	Itaúna	Museu Antropológico e Etnográfico Francisco Manoel Franco	
	Santo Antônio do Amparo	Museu Municipal Doutor Hélio Carvalho Garcia	
Jequitinhonha-Mucuri	Araçuaí	Museu de Araçuaí - Um Presente de Frei Xico e Lira Marques	
Mata	Carangola	Museu Municipal de Carangola	
	Juiz de Fora	Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora	Indígena
		Museu de Cultura Popular - Universidade Federal de Juiz de Fora	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
	Juiz de Fora	Museu de Etnologia Indígena e História Natural da Academia	
	Paula Cândido	Fundação Casa da Cultura Padre Antônio Mendes	
Rio Doce	Aimorés	Museu Histórico de Aimorés	
	Governador Valadares	Museu da Cidade de Governador Valadares	
	Itambacuri	Museu Histórico Regional Frei Agostinho	
	Peçanha	Museu Histórico de Peçanha	
Sul de Minas	Andradas	Museu Municipal João Moreira da Silva	Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena; Imigração
	Carmo do Rio Claro	Museu de Arqueologia Indígena Aduino Leite	Indígena
	Lavras	Museu Bi Moreira da Universidade Federal de Lavras	
	Monte Sião	Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião	
	Pouso Alegre	Museu Histórico Municipal Tuany Toledo	Afro-brasileira; Indígena
	Santa Rita do Sapucaí	Museu Histórico Delfim Moreira	
Triângulo	Ituiutaba	Museu Antropológico de Ituiutaba	Afro-brasileira; Arte e Cultura Popular/Regional; Indígena
	Uberlândia	Museu do Índio - Universidade Federal de Uberlândia	Indígena
8 Regiões	29 Municípios	34 Instituições com objetos / acervos etnográficos	13 coleções etnográficas identificadas

Fonte: Organização Letícia Pereira sob supervisão de Adriana Russi, março, 2021.

Legenda:

	Identificados por ficha		Identificados por mapeamento virtual
---	-------------------------	---	--------------------------------------

O quadro 5 evidencia o enorme trabalho que há por fazer, como identificar os diferentes tipos de coleções etnográficas, por isso o trabalho continua nesse estado.

O estado do Espírito Santo, por sua vez, é constituído por 78 municípios organizados em quatro regiões administrativas (quadro 6). Neste estado localizamos museus com acervos etnográficos em três destas quatro regiões. A única região até o momento onde ainda não conseguimos identificar museus com acervos etnográficos foi a região Litoral Norte. Por enquanto, no estado do Espírito Santo identificamos um total de sete museus com objetos e/ou acervos etnográficos, mas em nenhum deles localizamos coleções indígenas. A lista nominal destas instituições está no quadro 7.

Quadro 6 - Número de museus por região administrativa no estado do Espírito Santo

Região	Nº de museus	Nº de municípios com museus
Central Espírito-Santense	40	13
Sul Espírito-Santense	15	10
Noroeste Espírito-Santense	4	4
Litoral Norte Espírito-Santense	19	8
Total	78	35

Fonte: Organização Letícia Pereira sob supervisão de Adriana Russi, a partir dos dados da plataforma *Museusbr*, março, 2021.

Quadro 7 - Relação das instituições com acervos etnográficos levantadas por regiões e municípios no estado do Espírito Santo

INSTITUIÇÕES COM ACERVO ETNOGRÁFICO – ESPÍRITO SANTO			
Regiões	Município	Nome da Instituição	Tipologia
Central Espí- rito-Santense	Domingos Martins	Casa da Cultura de Domingos Martins	Imigração ale- mã e pomerana
	Iconha	Museu Histórico Municipal de Iconha	
	Marechal Floriano	Centro Cultural e Comunitário Ezequiel Ronchi	
	Santa Leopoldina	Museu do Colono	Quilombola
	Vila Velha	Casa da Memória de Vila Velha	
Litoral Norte Espírito-San- tense	João Neiva	Museu do Imigrante de Demétrio Ribeiro	
Noroeste Espí- rito-Santense	Águia Branca	Museu do Imigrante Polonês	
3 Regiões	7 Municípios	7 Instituições com objetos/ acervos etnográficos	2 coleções etnográficas identificadas

Fonte: Organização Letícia Pereira sob a supervisão de Adriana Russi, março, 2021.

Legenda:

	Identificados por ficha		Identificados por mapeamento virtual
--	-------------------------	--	--------------------------------------

O mapeamento segue nestes estados e visa complementar as informações já recolhidas, bem como qualificar as coleções registradas nessa primeira etapa, identificando especialmente a quais grupos sociais tais coleções estão associadas (dados a serem confirmados com a ficha B), além de considerar outros universos de análise, como as coleções em universidades, aquelas nos institutos históricos, bem como nos processos museais comunitários.

APONTAMENTOS SOBRE A GUARDA DE COLEÇÕES E OBJETOS INDÍGENAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em São Paulo⁹, o projeto se desenvolve seguindo os parâmetros gerais (conhecer os contextos, coletar e registrar dados nas duas fichas A e B) nas particularidades do estado, como também visões da academia sobre um conjunto de museus e neles as coleções e objetos etnográficos compondo seus acervos, em consonância com políticas de gestão de acervo em momentos distintos.

O ponto de partida é a quantidade de museus no estado, para enfrentar o desafio de saber em quais deles estão as coleções e objetos etnográficos. Dada a amplitude do projeto, será necessário investigar que coleções existem e como são denominadas, quando e como foram formadas e quem as formou, entre outras informações relevantes ao propósito de dar acesso aos herdeiros, às populações e aos grupos produtores de tais objetos, entre eles os indígenas. Para tanto, nos importa conhecer o que já foi realizado nesse sentido, evitando retrabalho, valorizando outras iniciativas.

Em 2010, a então Secretaria de Estado da Cultura¹⁰ (SEC) – por meio da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM), sob a coordenação do Sistema Estadual de Museus (Sisem-SP) – realizou uma pesquisa censitária sobre as instituições museológicas denominada “Mapeamento dos museus paulistas”. Tal ação, executada pela Acam Portinari, teve o município como unidade de investigação, abrangendo todo o estado, tendo como parâmetro a definição de museu do Icom (2007). A partir de procedimentos apurados, levados a cabo pela museóloga Elisabeth Zolcsak, o mapeamento paulista levantou dados significativos para o planejamento de gestores públicos. “O mapeamento registrou 415 instituições públicas e privadas em 190 municípios paulistas” (MOTTA, 2012, p. 20).

O polo São Paulo da pesquisa que se desenvolve pelo Comitê Patrimônios e Museus da ABA tem esse universo de instituições identificadas. O quadro a

9 Coordenação da Profa. Dra. Marília Xavier Cury (MAE-USP).

10 Atualmente Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

seguir traz indicativos das regiões administrativas (RA) do estado, conforme a pesquisa (MOTTA, 2012, p. 20).

Quadro 8 – Número de museus nos municípios de São Paulo, por Região Administrativa (RA) ou Metropolitana (RM)

RA/ RM	Nº de museus	Nº municípios com museus
RA Araçatuba	6	4
RA Barretos	7	6
RA Bauru	11	10
RA Campinas	82	41
RA Central	18	9
RA Franca	11	7
RA Marília	25	13
RA Presidente Prudente	13	10
RA Registro	7	5
RA Ribeirão Preto	20	10
RA São José do Rio Preto	14	12
RA São José dos Campos	38	19
RA Sorocaba	34	21
RM Baixada Santista	19	6
RM São Paulo	110	17
Total	415	190

Fonte: Sisem-SP (2012).

Outras informações nos levam a uma relação de instituições museológicas paulistas com coleções etnográficas e/ou arqueológicas. Tal aproximação se dá não somente pelo tênue limite em que os campos se colocam em certas circunstâncias, mas pela opção pelos dados registrados nas instituições visitadas, uma vez que o interesse recaia a descrições genéricas (MOTTA, 2012). Trata-se de conjunto “amplo e heterogêneo, com 53 instituições. Este conjunto inclui 34 museus, distribuídos em 28 municípios, cujos acervos são predominantemente etnológicos ou incluem objetos dessa natureza, integrando um acervo mais geral de cunho histórico” (MOTTA,

2012, p. 21). Em maio de 2012, houve outro esforço da SEC para confirmar as informações sobre as coleções nos 34 museus.

O mapeamento realizado pela SEC não está publicado, mas já foi solicitada a consulta ao responsável pelo Sisem-SP, que pode se dar quando possível, devido a pandemia do coronavírus, para esclarecer o viés etnográfico e/ou arqueológico, por um lado, e identificar as demais instituições não museológicas que mantêm a guarda de coleções etnográficas, por outro; ou seja, 19 outros locais de interesse do escopo trabalhado.

Esse mapeamento paulista é uma das bases do levantamento de coleções etnográficas em São Paulo do “Mapeamento de coleções e objetos etnográficos do Brasil”, mas buscamos cruzar informações com outras fontes mais antigas ou mais atuais.

Consultando fontes mais antigas, chegamos ao projeto de pesquisa intitulado “Coleções etnográficas brasileiras: histórico e composição”, desenvolvido e coordenado por Thekla Hartmann, na década de 1980 e 1990. Desse projeto, temos, por exemplo, a pesquisa “Coleções etnográficas no interior do estado de São Paulo: composição e história”, de Renata Parada Pazinato (1987). A importância dos resultados dessa pesquisa está na riqueza de detalhes quanto à instituição, à origem e/ou procedência das coleções, aos povos indígenas, aos coletores, às datas de entrada e outras, em grande medida dados para a ficha B da pesquisa.

As fontes mais recentes são deveras importantes também, a exemplo do projeto de pesquisa “Os museus de arqueologia e a arqueologia nos museus: análise de exposições museais no Oeste de São Paulo e Norte do Paraná”¹¹ (LIMA, 2016, 2020). A pesquisa desenvolvida entre 2015 e 2020 permitiu visitas a museus e outras instituições para coleta de dados, registrados em uma ficha extremamente detalhada com 68 campos, planta arquitetônica do espaço e fotografias; 23 delas correspondem a São Paulo, cedidas generosamente pela pesquisadora.

11 Pós-doc no MAE-USP (2015-2020) financiado pela Fapesp e Fapesp/Capes, supervisão de Marília Xavier Cury.

Outra iniciativa a sublinhar é a exposição itinerante organizada pelo Museu Índia Vanuíre (MIV), com participação do MAE-USP¹², “Reconhecimento – museus paulistas e questões indígenas: mapeando potencialidade”. Tal ação de 2013 foi precedida por convite feito pelo Sisem-SP às instituições. Os dados enviados diretamente pelas instituições compreenderam 12 museus e um centro cultural.

Se o mapeamento realizado pela SEC em 2010 nos apresenta 34 museus com coleções ou objetos etnográficos e/ou arqueológicos (MOTTA, 2012), sem detalhamento, as pesquisas de Lima (2016, 2020) e Pazinato (1987) correspondem a um esforço de detalhes muito próximo da pesquisa que o Comitê Patrimônios e Museus da ABA desenvolve. O empenho do MIV nos trouxe apenas 13 instituições participantes, mas na comparação com as relações dos outros projeto, há uma nova instituição e dados que serão incorporados nas fichas A e B. Passemos a um cruzamento para avançar naquilo que buscamos – localizar instituições e identificar as coleções e objetos etnográficos. O quadro a seguir foi construído com o cruzamento dos dados dos Museus com acervos etnológicos e/ou arqueológicos (MOTTA, 2012), com aqueles dos Museus visitados, estados de São Paulo e Paraná (LIMA, 2020) e as fichas de pesquisa de Lima, o artigo de Pazinato (1987), a exposição organizada pelo MIV (2013) e outras instituições conhecidas. A justaposição entre coleções etnográficas e/ou arqueológicas permanece, mas na coluna à direita marcamos as confirmações obtidas. Na última linha, temos os totais de coluna, na relação do universo de regiões, municípios e museus em São Paulo, conforme dados de Motta (2012).

12 Mediante convênio de cooperação entre os dois museus. Coordenação de Denise Yonamine, Vilma da Silva Campos e Marília Xavier Cury.

Quadro 9 – Relação das instituições levantadas por região no estado de São Paulo

RA ou RM	Município	Instituição	Confirmação - presença de coleção etnográfica
RA Araçatuba	Araçatuba	Museu Histórico e Pedagógico Marechal Rondon	
		Museu Rintaro Takahashi	
RA Bauru	Avai	Museu Municipal Francisco Pitta	Etnográfica indígena
	Bauru	Museu Ferroviário Regional de Bauru	Lima X; Etnográfica indígena
		Museu Histórico Municipal de Bauru	Lima X; Etnográfica indígena
	Lins	Museu Histórico e Arqueológico de Lins	Etnográfica indígena e Imigração
	Pederneiras	Centro Cultural Izavam Ribeiro Macario	
RA Campinas	Campinas	Museu da Cidade	
		Centro de Cultura e Arte – Museu Universitário (PUC-Campinas)	Etnográfica indígena
	Capivari	Museu Histórico e Pedagógico Dr. Cesário Motta Junior	
	Indaiatuba	Museu Municipal de Indaiatuba Casarão Pau Preto	
	Leme	Museu Histórico Professor Celso Zoega Táboas	
	Mogi Guaçu	Museu Histórico e Pedagógico Franco de Godoy	
		Museu Histórico Municipal Hermínio Bueno	
	Monte Mor	Museu Municipal Elizabeth Aytai	
	Piracicaba	Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes	
	Santa Bárbara d'Oeste	Centro de Documentação	
RA Central	Araraquara	Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria	
	Porto Ferreira	Museu Histórico e Pedagógico Professor Flávio da Silva Oliveira	
RA Franca	Franca	Museu Histórico Municipal José Chiachiri	
RA Marília	Bastos	Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka	Lima X; Etnográfica indígena
	Chavantes	Museu Histórico Adibe Abdo do Rio	
	Gália	Museu Municipal de Gália	Lima X; Etnográfica indígena
	Garça	Museu Histórico e Pedagógico de Garça	Lima X; Etnográfica indígena
	Marília	Museu Histórico e Pedagógico Embaixador Hélio Antônio Scarabótollo	
	Parapuã	Museu e Biblioteca Municipal Dr. Bruno Giovannetti	
	Tupã	Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuire	Etnográfica indígena
		Museu Histórico de Varpa Janis Erdberges	Lima X; Etnográfica indígena
RA Noroeste	Penápolis	Museu do Folclore	Cultura Popular
		Museu do Sol	Arte Naif
		Museu Histórico de Penápolis	Etnográfica indígena
	Pereira Barreto	Museu Histórico da Imigração de Pereira Barreto	Imigração
RA Presidente Prudente	Iepê	Museu de Arqueologia de Iepê	
	Ourinhos	Museu Municipal Histórico e Pedagógico de Ourinhos	Lima X; Etnográfica indígena
	Paraguape Paulista	Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior	Lima X; Etnográfica indígena
	Pirapozinho	Museu Histórico e Pedagógico Índio Tibirixa	Lima X; Etnográfica indígena
	Presidente Prudente	Centro de Museologia Antropologia e Arqueologia (Unesp)	Lima X; Etnográfica indígena
		Laboratório de Estudos Antropológicos (Unesp)	Lima X; Etnográfica indígena
	Teodoro Sampaio	Museu Natural Morro do Diabo	

RA Ribeirão Preto	Cravinhos	Memorial Casa Libanesa	
	Ribeirão Preto	Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos	
RA São José dos Campos	Aparecida	Museu Nossa Senhora Aparecida	
RM Baixada Santista	São Vicente	Museu Histórico Casa do Barão	
RM São Paulo	Barueri	Museu Municipal de Barueri	
	Embu	Museu do Índio	Etnográfica indígena
	Jundiaí	Museu da Companhia Paulista	
		Museu Histórico e Cultural de Jundiaí	
	Mogi das Cruzes	Centro de Exposições Cidades Irmãs	
		Memorial Taro Konno	
	Santana de Parnaíba	Museu Histórico e Pedagógico Casa de Anhanguera	
	São Paulo	Centro Cultural São Paulo	Exposição MIV X; Etnografia indígena; Cultura popular
		Museu Afro Brasil	Etnografia Afro-brasileira
		Museu da Cultura, PUC-São Paulo	Etnográfica indígena
		Museu de Arqueologia e Etnologia, USP	Etnográfica indígena Etnografia Africana e Afro-brasileira Coleção sertaneja
		Museu da Imigração	Imigração
		Museu da Obra Salesiana no Brasil	Etnográfica indígena
		Museu Professor Roberto Baruzzi (Unifesp)	Etnográfica indígena
		Pavilhão das Culturas Brasileiras	Etnográfica indígena Cultura popular
12/16 regiões	41/190 municípios	58/415 instituições	28 instituições confirmadas com coleções etnográficas

Fonte: Organização Marília Xavier Cury, outubro de 2020.

Apesar da qualidade das pesquisas mencionadas, não foram contemplados os museus comunitários, organizações com grande potencial etnográfico que seguramente interessam a pesquisa no Brasil e em São Paulo. Aqui cabe um esclarecimento: o objeto da pesquisa da ABA se funda no acesso das populações e grupos aos objetos e coleções outrora coletados pelos museus, o que não acontece com os museus comunitários; nem por isso a participação dessas organizações perde peso e importância, pois alcançam a visibilidade que almejam.

Para os museus comunitários em São Paulo, buscamos dados nas fichas de apoio da pesquisa “Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas” (SANTOS, 2017) com registros de informações coletadas em diversas fontes, como a plataforma *MuseusBr*. A pesquisa nos informa sobre 20 ecomuseus/museus comunitários no estado de São Paulo, sendo quatro na cidade de São Paulo, mas esses dados vêm se ampliando. Entre os museus comunitários, o recorte dado ao levantamento ora apresentado recai sobre os museus indígenas, dados atualizados em 2021: Museu Worikg (TI Vanuíre, Arco-Íris, PEREIRA; MELO; MARCOLINO, 2020), Museu Akâm Orãm Krenak (TI Vanuíre, Arco-Íris, AFONSO; OLIVEIRA; DAMACENO, 2020), Museu Nhandé Manduá-rupá (Aldeia Nimuendaju, Terra Indígena Araribá, Avaí, OLIVEIRA *et al.*, 2020), Casa da Memória (Aldeia Tereguá, TI Araribá), Museu Trilha Dois Povos Uma Luta (Terra Indígena Icatu, Braúna, IAIATI *et al.*, 2020), Casa de Cultura Kariri (Jundiá), Associação Arte Nativa (Aldeia Filhos da Terra, Guarulhos, SCATOLIN, 2018) e Ponto de Cultura Mbya Arandu Porã (Aldeia Rio Silveiras, São Sebastião).

Além dos procedimentos adotados relacionados à bibliografia consultada, a bolsista de iniciação científica do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo, Monik Dafani Dantas, empreende esforços na consulta a informações veiculadas por diversos meios, confirmando a relação do Quadro e acrescentando outras instituições, chegando a 64 museus, em 13 regiões administrativas e 45 municípios. A jovem pesquisadora já iniciou o preenchimento da ficha A de cada museu paulista da pesquisa,

trabalho iniciado com dados disponíveis na internet, amplamente pesquisados, com atenção às plataformas com data atualizada e às informações nos sites de prefeituras municipais. Cabe mencionar, não é uma regra, mas não é inusitada a mudança de endereço dos pequenos museus no interior.

Os dados aqui apresentados são preliminares e em construção, são muitas as informações necessárias e teremos acesso a elas de forma contínua, buscando, inclusive, outras instituições que têm a guarda de coleções etnográficas e que as mantêm em guarda, à semelhança dos museus. A opção metodológica dada pelo Polo São Paulo, até o momento, compreende o cruzamento entre ações já realizadas, bibliografia e acesso àquilo que já está disponível na plataforma federal (*MuseusBr*).

A pesquisa bibliográfica e os históricos institucionais, sobretudo das instituições mais antigas, trazem uma riqueza de informações. Por exemplo, o Museu Paulista (MP), criado em 1895 e integrado à Universidade de São Paulo (USP) em 1963, teve suas coleções arqueológicas e etnográficas transferidas para a formação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP) em 1989. Então, as instituições nesta pesquisa estarão interligadas pela origem, complexidade que se revelará na ficha B. Por outro lado, seguindo o exemplo do MP-USP, a coleção denominada como “sertaneja”, considerada nesta pesquisa como etnográfica, foi subdividida no processo de formação do MAE-USP (SOUZA, 2020), o que implicará na inserção do MP-USP no Mapeamento em curso.

São várias as dificuldades, em se tratando da complexidade. A justaposição entre o que é etnográfico indígena ou arqueológico precisa ser esclarecida, apesar de que nem sempre a distinção seja tão clara ou precisa, como no Museu Histórico e Arqueológico de Lins, com a destacada coleção:

[...] coleção arqueológica e etnográfica Kiju Sakai, que tem, em parte do seu acervo, inúmeros artefatos relacionados à história Kaingang em Lins, a partir das escavações de estruturas funerárias do final do século XIX, início do XX, realizadas por Kiju Sakai na região entre Lins e Promissão (ALFONSO; HATTORI, 2015, p. 46).

Outra questão de fundo é que grande parte dos museus municipais paulistas se autoidentificam como “históricos” – como já observado em outras regiões – o que limitará a localização, por exemplo, de coleções etnográficas relacionadas à imigração e de outros grupos culturais e segmentações sociais, como os caiçaras, quilombolas e assentados. Por outro lado, os museus históricos paulistas têm, em grande medida, suas bases no modelo “histórico e pedagógico”, favorecendo narrativas cívicas, figuras, datas comemorativas e fatos históricos, valorizando os pioneiros e patronos (MISAN, 2008), a serviço da escola e da construção de memórias hegemônicas. Seguindo o caminho desses museus e dos museus históricos, coleções e objetos etnográficos indígenas e de outros grupos poderão ser e serão localizados, inseridos em histórias locais que mantêm e alimentam visões colonialistas que apreendem os patrimônios indígenas e de outros grupos como parte delas, sem o devido protagonismo. Localizar e dar visibilidade a essas coleções e objetos – tirá-los do ocultamento – e colocá-los à disposição de seus herdeiros por direito é uma das grandes motivações do projeto “Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil” da ABA.

APONTAMENTOS SOBRE A REGIÃO NORTE

Na região Norte, um levantamento preliminar permitiu identificar as principais instituições que conservam coleções etnográficas, mas há outras a serem detectadas e confirmadas para um mapeamento completo. Ademais, nessas instituições devem ser identificados os tipos, a origem geográfica, a composição, a dimensão e outros aspectos relevantes dos acervos através do preenchimento das fichas (A e B), que balizam o mapeamento.

O Museu Paraense Emílio Goeldi localizado em Belém (PA) é a mais antiga e conhecida instituição da região Norte, tendo sido objeto de publicações diversificadas¹³. Outros museus nessa região também se destacam por constituírem experiências inovadoras: o Museu do Marajó situado em Cachoeira

13 Cf. Frota (1981), La Penha *et al.* (1986); Velthem, Guapindaia (2006); Velthem *et al.* (2019).

do Arari (PA) e dois museus indígenas, o pioneiro Museu Magüta, localizado em Benjamin Constant (AM) e o Museu Kuahi na cidade de Oiapoque (AP).

As instituições que figuram no quadro 11 remetem, em parte, a esses levantamentos, mas a listagem apresentada incluiu, também, referências que estão disponíveis em duas plataformas digitais: *MuseusBr* e Guia das Artes¹⁴ e em publicações: “Guia dos museus brasileiros” (IBRAM, 2011), “Guia de Centros e Museus de Ciências da América Latina e Caribe” (MASARANI, 2015) e, ainda, em “Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas” (SANTOS, 2017).

A compilação efetuada indica que os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins possuem cerca de 182 instituições que abrigam acervos patrimoniais e, destas, verificou-se que 35 preservam coleções etnográficas de procedência indígena e de comunidades tradicionais. As primeiras podem ser encontradas em 07 instituições, as segundas em 13 e, ambas, em 13. Segundo a plataforma *MuseusBr*, as instituições que abrigam acervos etnográficos se inserem em dois tipos: o dos museus de “Território/Ecomuseu”, que se localizam nos estados do Pará, Rondônia e Tocantins, e o das instituições identificadas como “Tradicional/Clássica” que podem ser encontradas em todos os estados nortistas.

Como ocorre em outras regiões do país, nos estados do Norte são os museus de “História” – voltados para a história regional – que conservam a grande maioria dos acervos etnográficos. As fontes consultadas, em especial a plataforma *MuseusBr*, indicam que no Norte existem 47 museus e institutos com essa temática. O seu grande número ofusca completamente outras categorias de museus, de temáticas identificadas como de “Antropologia e Arqueologia”, estabelecidos nos estados do Amapá, Amazonas e Rondônia, e os de “Ciência”, instalados nos estados do Amapá e Pará.

14 <<https://www.museus.gov.br/tag/plataforma-museusbr/> e <https://www.guiadasartes.com.br>>, último acesso em 04 nov. 2020.

Quadro 10 - Quantitativo de instituições na região Norte

Estados	Instituições com acervos indígenas e de comunidades tradicionais	Instituições somente com acervo indígena	Instituições somente com acervo de comunidades tradicionais	Total de instituições com acervo etnográfico
AC	2	0	2	4
AP	1	1	1	3
AM	3	4	2	9
PA	4	1	7	12
RO	1	0	0	1
RR	1	0	0	1
TO	3	1	1	5
Total	13	7	13	35

Quadro 11 – Relação preliminar das instituições na região Norte

ESTADO	MUNICÍPIO	INSTITUIÇÃO	ACERVO ETNOGRÁFICO
ACRE	Rio Branco	Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos	Comunidade tradicional
		Casa dos Povos da Floresta	Indígena/Comunidade tradicional
	Cruzeiro do Sul	Museu de Cruzeiro do Sul	Indígena/Comunidade tradicional
	Xapuri	Museu do Xapury	Comunidade tradicional
AMAPÁ	Macapá	Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá	Comunidade tradicional
		Centro de Pesquisas Museológicas - Museu Sacaca	Indígena/Comunidade tradicional
	Oiapoque	Museu Kuahi dos Povos Indígenas do Oiapoque	Indígena
AMAZONAS	Manaus	Museu Amazônico	Indígena/Comunidade tradicional
		Museu da Amazônia	Indígena
		Museu do Índio	Indígena
		Museu do Homem do Norte	Indígena/Comunidade tradicional
		Museu do Seringal – Vila Paraíso	Comunidade tradicional
		Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas	Indígena/Comunidade tradicional
	Benjamin Constant	Museu Magüta	Indígena
	Bom Caminho	Casa de Cultura Amatü	Indígena
	Tefé	Instituto Mamirauá	Comunidade tradicional
PARÁ	Belém	Museu do Círio	Comunidade tradicional
		Museu do Encontro/ Museu do Forte do Presépio	Indígena/Comunidade tradicional
		Museu do Estado do Pará	Indígena
		Museu de Arte de Belém	Comunidade tradicional
		Museu Paraense Emilio Goeldi	Indígena/Comunidade tradicional
		Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueredo	Indígena/Comunidade tradicional
	Alenquer	Museu da Cidade de Alenquer	Comunidade tradicional
	Cametá	Museu Histórico de Cametá	Comunidade tradicional
	Cachoeira do Arari	Museu do Marajó	Comunidade tradicional
	Itaituba	Museu Municipal de Itaituba Aracy Paraguaçu	Comunidade tradicional
	Marabá	Museu Municipal – Casa da Cultura de Marabá	Indígena/Comunidade tradicional
	Santarém	Centro Cultural João Fona	Comunidade tradicional
RONDÔNIA	Ariquemes	Museu Rondon	Indígena /Comunidade tradicional
RORAIMA	Boa Vista	Museu Integrado de Roraima	Indígena/Comunidade tradicional
TOCANTINS	Palmas	Museu Histórico do Estado de Tocantins	Indígena/Comunidade tradicional
	Aparecida do Rio Negro	Museu de Artes e Ciências	Comunidade tradicional
	Natividade	Museu Histórico de Natividade	Indígena/Comunidade tradicional
	Porto Nacional	Museu Histórico e Cultural de Porto Nacional	Indígena/Comunidade tradicional
	Formoso do Araguaia	Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal Javaé e Karajá	Indígena

Fonte: Compilação Lucia van Velthem, Priscila Faulhaber, Luciana Carvalho – 2020/2021

Instalado em Belém do Pará, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), fundado em 1866, representa um dos mais antigos museus do país. É identificado como um “Museu de Ciência” (cf. MASSARANI, 2015) porque conserva acervos científicos de diferentes origens: botânicos, zoológicos, mineralógicos, paleontológicos, destacando-se os acervos culturais: etnográficos, arqueológicos e linguísticos. A plataforma MuseusBr (IBRAM, 2020), identifica esta instituição como: “Jardim Botânico, Herbário, Oceanário ou Planetário”, com temática voltada para as “Ciências da Terra, Biológicas e da Saúde”. Constata-se que os acervos culturais deste museu estão ausentes desta plataforma, o que dificulta a sua busca. Levantamentos que permitem outros mecanismos de pesquisa, caso do “Mapeamento das Coleções Etnográficas”, facilitarão o acesso às coleções desta centenária instituição, assim como de outros museus similares.

A Coordenação de Ciências Humanas (COCHS) do Museu Goeldi abriga três acervos culturais, entre os quais a “Coleção Etnográfica”, formada por cerca de 14.800 objetos representativos das culturas de 119 povos indígenas da Amazônia brasileira e peruana e de outras regiões do país, como Minas Gerais. Destacam-se por sua representatividade numérica, histórica e cultural, as coleções provenientes dos Tikuna (AM), Yni-Karajá (GO/TO/MT), Ramkokamekra-Canela (MA), Mebengokre-Kayapó- (PA), Tiriyo (PA), Baniwa e Tukano (AM), Yanomami (RR), Kaapor (MA), Wayana e Aparai (PA). O acervo etnográfico inclui ainda coleções originárias de comunidades tradicionais paraenses, de povos *maroon* do Suriname e de diferentes povos da RD do Congo, no continente africano (VELTHEM; GUAPINDAIA, 2006). Desta forma, além de constituir um acervo “etnográfico indígena e comunidade tradicional”, a “Coleção Etnográfica” também possui elementos de origem “afrodescendente e africano”.

As ações curatoriais se apoiam no projeto “Coleções etnográficas: formação e pesquisa documental”, que objetiva formar novas coleções e documentar as existentes, considerando os aspectos culturais, históricos

e museográficos que particularizam cada peça em sua trajetória de vida (VELTHEM, 2002). As atividades documentais e curatoriais desse acervo ensinaram o desenvolvimento de um programa de informatização digital, o “Sistema de informações das coleções etnográficas” (SINCE). Esse programa armazena dados referentes aos objetos, imagens, vídeos, áudios e disponibiliza pesquisas on-line (VELTHEM; BENCHIMOL, 2019). O uso dessa ferramenta, para buscas nas coleções, amplia a acessibilidade ao acervo e agiliza os trabalhos curatoriais, minimizando a manipulação dos objetos, o que contribui para sua conservação e salvaguarda.

As coleções etnográficas estão acondicionadas na Reserva Técnica “Curt Nimuendajú”, uma homenagem ao idealizador da primeira listagem do acervo e organizador de duas das mais vastas coleções, a saber Tikuna e Ramkokamekra-Canela (BERTHO, 1994). Trata-se de um espaço provido de equipamentos para o acondicionamento das coleções e de um sistema de controle ambiental, voltado para sua conservação. As peças abrigadas na reserva técnica são de diferentes categorias artesanais: cestaria, cerâmica, plumária, entalhe, tecelagem, confeccionadas com matérias-primas orgânicas e inorgânicas, ocasionalmente reunidas em um único objeto. A ocorrência de insumos variados em um objeto amplia os problemas de conservação de um acervo etnográfico. Assim, podem sofrer transformações de ordem física e apresentar diferentes graus de deterioração (VELTHEM *et al.*, 2004). A salvaguarda das peças representa, portanto, um dos grandes desafios da curadoria da “Coleção Etnográfica”. O grau de preservação de um objeto tem relação direta com a sua capacidade de assegurar, através do tempo, a inteligibilidade das referências que contém, materiais e formais. Este aspecto é significativo para os estudos acadêmicos e para as ações práticas e conceituais de apropriação patrimonial, conduzidas por sujeitos indígenas ou oriundos de comunidades tradicionais.

No Museu Goeldi, as trajetórias dos componentes da “Coleção Etnográfica” destacam diferentes histórias: a dos seus produtores, a da instituição, a história do Pará, a história da pesquisa na Amazônia. Este acervo é um dos mais antigos do país, abrigando grande número de centenárias coleções,

como as de Frei Gil de Villanova (1901); Theodor Koch-Grünberg (1905), Curt Nimuendajú (1914). Coleções etnográficas centenárias se tornam também históricas, cambiando conceitualmente. Trata-se de um fator que amplia a complexidade de sua abordagem, tanto para os estudos acadêmicos, como para o acesso dos sujeitos indígenas ao seu patrimônio musealizado e à sua própria história (VELTHEM *et al.*, 2019).

O patrimônio etnográfico do Museu Goeldi favorece o desenvolvimento de trabalhos de museologia colaborativa ou participativa, nos quais pessoas indígenas identificam, qualificam, restauram objetos, ampliando a base documental institucional. Paralelamente, ao revisitarem o passado também se documentam e constroem narrativas sobre si próprios, o que permite (re) apropriações e reforça o protagonismo dos povos indígenas. Desde a década de 1990, ações com essas características foram estabelecidas na Reserva Técnica entre técnicos, antropólogos e coletivos indígenas amazônicos: Wayana e Aparai, Kaa'por, Mëbêngokre, Asurini, Parkatejê e os Katxuyana. No presente, o principal desafio reservado à “Coleção Etnográfica” é a dinamização e ampliação dos diálogos interculturais e das ações práticas de mediação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Mapeamento das coleções etnográficas no Brasil”, empreendido pelo Comitê Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia, está em seu percurso inicial e os dados apresentados aqui são preliminares. Nesse percurso, destacamos a relevância de dois processos simultâneos: conhecer as instituições nos estados – o que nos trará uma perspectiva transversal –, e examinar informações em instituições de grande porte e com acervo complexo, como museus do porte do Museu Goeldi – o que nos trará uma perspectiva de aprofundamento, nesses casos.

A partir de dados preliminares, contidos nos relatos da região Sudeste, e considerando o caso do acervo etnográfico do Museu Goeldi, podemos perceber a complexidade desses desafios que são de diferentes ordens –

desde os conceituais, sobre o que permitiria identificar “objetos” ou “coleções etnográficas” e seus limites e fronteiras difusas com as perspectivas históricas, até os aspectos relacionados à disponibilidade de dados sobre as instituições e suas coleções, à qualificação das coleções e às práticas de salvaguarda, que asseguram a existência e a inteligibilidade das peças dos acervos das instituições.

Da dispersão de informações aos usos e desdobramentos de uma iniciativa dessa envergadura, acreditamos que estamos seguindo um percurso que se constrói de forma aberta e colaborativa. Localizar e dar visibilidade aos acervos etnográficos e colocá-los em uma plataforma virtual para consulta da sociedade em geral, e especialmente dos “herdeiros” e legítimos detentores desses acervos patrimoniais, é um compromisso ético sobre o qual pesquisadoras, pesquisadores e colaboradores do projeto em tela têm se debruçado. Diante de nós se descortina um longo caminho a ser percorrido no futuro e, no presente, a consciência de que temos muito a fazer, sendo este um grande fator motivador para nosso trabalho de mapeamento, que busca ser o mais completo possível.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. A emergência do “outro” no campo do patrimônio cultural. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 7, p. 9-20, 2008.

ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (org.). *Memória e novos patrimônios*. Marseille: OpenEdition Press, 2015. p.67-93.

ABREU, Regina; LIMA FILHO. A trajetória do GT de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 25-57.

AFONSO, Lidiane D. C.; OLIVEIRA, João Batista; DAMACENO, Helena C. Museu Akãm Orãm Krenak: Terra Indígena Vanuüre. In: CURY, M. X. (org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP/ACAM Portinari/Museu Índia Vanuüre/MAE-USP, 2020. p. 66-75.

Alfonso, Louise Prado; Hattori, Márcia Lika. Tensões sobre a construção narrativa das histórias indígenas no museu. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 4, n. 7, p. 43-56, 2015.

Alfonso, Louise Prado; Hattori, Márcia Lika. Território e apropriação no Noroeste Paulista: educação e implantação do Museu Histórico e Arqueológico de Lins. In: CURY, Marília Xavier; Vasconcellos, Camilo de Mello; Ortiz, Joana Montero (org.). *Questões indígenas e museus: debates e possibilidades*. Brodowski: ACAM Portinari/Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo/SEC, 2012. p. 151-162.

BERTHO, A. M. Museu Paraense: a antropologia na perspectiva de um saber sobre a Amazônia (1886-1921). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Antropologia*, Belém, v. 9, n. 1, p. 55-101, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CLIFFORD, James. Museums as contact zone. In: CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997. p. 188-219.

CURY, Marília Xavier. Museu e exposição: o exercício comunicacional da colaboração e da descolonização com indígenas. In: GALÚCIO, Ana Vilacy; PRUDENTE, Ana Lúcia (org.). *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019. p. 313-348.

CURY, Marília Xavier. Metamuseologia: reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 129-146, 2020.

DEAN, David. Museums as conflict zones: the Canadian War Museum and Bomber Command. *Museum and Society*, v. 7, n. 1, p. 1-15, mar. 2009. Disponível em: <<https://journals.le.ac.uk/ojs1/index.php/mas/article/view/127/142?acceptCookies=1>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FRANÇOZO, Mariana; BROEKHOVEN, Laura van. Dossiê “Patrimônio indígena e coleções etnográficas”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, Belém, v. 12, n. 3, p. 709-711, set./dez. 2017.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, S. (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 95-120.

HANDLER, Richard. On having a culture: nationalism and the preservation of Quebec’s patrimoine. In: STOCKING JR, G. W. (ed.). *Objects and others: essays on museums and material culture*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

IAIATI, Ronaldo; PEDRO, Marcio; PEDRO, Edilene; ELIAS, Candido Mariano. Museu em discussão: dois povos, uma luta – T.I. Icatu. In: CURY, M. X. (org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP/ACAM Portinari/Museu Índia Vanuáre/MAE-USP, 2020. p. 81-84.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Guia dos museus brasileiros*. Brasília: Ibram, 2011.

ICOM - INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Código de ética para Museus*. Versão lusófona. 2004. Disponível em: <http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

KARP, Ivan. Introduction: museums and communities: the politics of public culture. In: LAVINE, S; KARP, I.; KREAMER, C. M. (ed.) *Museums and communities: the politics of public culture*. [S.l.]: Smithsonian Institution, 1992. p.1-17.

KREPS, Christina F. *Liberating culture: cross-cultural perspective on museums, curation and heritage preservation*. London: Routledge, 2003.

LIMA, Leilane Patrícia de. A Arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena em exposições museais no centro-oeste de São Paulo e norte do Paraná: questões preliminares. In: CURY, Marília Xavier (org.). *Direitos indígenas no museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervo em discussão*. São Paulo: SEC/ACAM Portinari/MAE-USP, 2016. p. 115-127.

LIMA, Leilane Patrícia de. A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais. In: CURY, M. X. (org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP/ACAM Portinari/Museu Índia Vanuîre/MAE-USP: 2020. p. 203-220.

LIMA FILHO, Manuel; ATHIAS, Renato. Dos museus etnográficos às etnografias dos museus: o lugar da antropologia na contemporaneidade. In: RIAL, Carmen; SCHWADE, Elisete (org.). *Diálogos antropológicos contemporâneos*. Rio de Janeiro: ABA, 2016. p. 71-83.

MASARANI, Luisa (org.). *Guia de Centros e Museus de Ciências da América Latina e do Caribe*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de RedPOP; Montevideo: UNESCO, 2015.

MISAN, Simona. Os museus históricos e pedagógicos do estado de São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, v. 16, n. 2, p. 175-204, 2008.

Motta, Renata Vieira da. Acervos etnológicos em museus paulistas. In: CURY, M. X.; Vasconcellos, C. M.; Ortiz, J. M. (org.). *Questões indígenas e museus: debates e possibilidades*. Brodowski: ACAM Portinari/Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura (SEC), 2012. p. 20-27.

NASCIMENTO JUNIOR, J.; CHAGAS, M. S. *Política nacional de museus*. Brasília: MinC, 2007.

NERES, Gabriela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira; LIMA, Nei Clara de. *Levantamento de museus universitários*: Centro-Oeste. Pesquisa realizada no âmbito da Rede de Museus Universitários, 2018, mimeo.

OLIVEIRA, Tiago *et al.* Guarani Nhandewa: museu das lembranças e dos sentimentos – Aldeia Nimuendaju. In: CURY, M. X. (org.). *Museus etnográficos e indígenas*: aprofundando questões, reformulando ações. São Paulo: SEC-SP/ACAM Portinari/Museu Índia Vanuíre/MAE-USP, 2020. p. 50-65.

Pazinatto, Renata Parada. Coleções etnográficas no interior do estado de São Paulo: composição e história. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, v. 32, p. 263-304, 1987.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu; MELO, Susilene Elias; MARCOLINO, Itauany Larissa. Museu Worikg-Kaingang: T. I. Vanuíre. In: CURY, M. X. (org.). *Museus etnográficos e indígenas*: aprofundando questões, reformulando ações. São Paulo: SEC-SP/ACAM Portinari/Museu Índia Vanuíre/MAE-USP, 2020. p. 85-88.

PEREIRA, Letícia de Carvalho; RUSSI, Adriana. *Mapeamento das coleções indígenas na região Sudeste* (RJ, MG e ES). Relatório de iniciação científica submetido a FAPERJ, 2020.

RIBEIRO, Berta G.; VELTHEM, Lucia van. Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: CUNHA, Manuela C. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992. p. 103-112.

RIBEIRO, Berta. *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1988.

RUSSI, Adriana. *Nas fronteiras dos museus*: processos museológicos compartilhados com povos indígenas em museus de antropologia e etnologia no Brasil. Relatório final de Pós-Doutorado em Museologia no Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade de São Paulo. 2019. Mimeo.

RUSSI, Adriana; ABREU, Regina. “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. *Horizontes Antropológicos*, ano 25, n. 53, p. 18-46, jan./abr. 2019.

RUSSI, Adriana; SANTOS, Gabriela. *Levantamento preliminar de experiências de museologia compartilhada com povos indígenas em museus de antropologia e etnografia no Brasil*. Relatório de Iniciação Científica submetido ao CNPq. 2018. Mimeo.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCATOLIN, Sérgio. Índios em Guarulhos: como vivem, o que pensam e o que reivindicam. *Click Guarulhos*, 30 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.clickguarulhos.com.br/2018/04/30/indios-em-guarulhos-como-vivem-o-que-pensam-e-o-que-reivindicam/>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SOUZA, Bianca G. As representações do outro na investigação das coleções sertanejas do MAE-USP. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 18, p. 401-410, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/26384>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel F. (org.) *Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

VELTHEM, L. H. van; TOLEDO, F.; BENCHIMOL, A.; ARRAES, R.; SOUZA, R. C. A coleção etnográfica do Museu Goeldi: memória e conservação. *Mus-sas: Revista Bras. de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro: IPHAN, v. 1, n. 1, p. 121-134, 2004.

VELTHEM L. H. van; GUAPINDAIA, V. Patrimônios entrelaçados: coleções arqueológica e etnográfica. In: *Catálogo da exposição Reencontros*: Emílio Goeldi e o Museu Paraense. Belém: MPEG, 2006. p. 26 -37.

VELTHEM, L. H. van; KUKAWKA, K.; JOANNY, L. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, v. 12, n. 3, p. 735-748, 2017.

VELTHEM, L. H. van; PEREIRA, E.; GALÚCIO, A. V. Acervos culturais do Museu Paraense Emilio Goeldi: 150 anos de História e Perspectivas Futuras. In: GALÚCIO, A. V.; PRUDENTE, A. L. (org). *Museu Goeldi:150 anos de ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019. p. 274-292.

VELTHEM, Lucia Hussak van; BELCHIMOL, Alegria. Museus, coleções, exposições e povos indígenas. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 468-486, maio/ago. 2019.